



EPEPE
V ENCONTRO DE PESQUISA
EDUCACIONAL
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento
na Perspectiva do Direito à Educação

9 - MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO NO E DO CAMPO.

LOUCAS DE PEDRA LILÁS: DESEJOS, NECESSIDADES E LUTAS DAS MULHERES A PARTIR DO OLHAR DE UM TEATRO FEMINISTA

José Roniero Diodato (UFPE)

Ana Cláudia do Nascimento (UFPE)

Suzana Pereira Temudo (UFPE)

RESUMO

O presente estudo é fruto de uma pesquisa realizada na ONG (Organização Não Governamental) “Loucas de Pedra Lilás”, cujo objetivo é apresentar o trabalho pedagógico realizado por esta instituição em espaços não escolares através do teatro. Formado por mulheres feministas, a ênfase desse movimento social é dada aos interesses femininos, apesar de lidarem com temas variados como, desenvolvimento do senso político-crítico dos cidadãos relacionados à saúde, relações de gênero, à justiça, à promoção de direitos sociais por meio de uma educação não formal. Portanto, buscamos analisar através das observações de peça teatral, entrevistas e análises de vídeos de que forma essas feministas atuam na sociedade, a contribuição para emancipação de mulheres oprimidas e a metodologia utilizada em suas apresentações. Os resultados provaram que a educação no seio dos movimentos sociais, principalmente para esta ONG, busca um sentido autônomo, para as mulheres que sofrem violência física, simbólica e psicológica.

PALAVRAS CHAVE: Educação não formal. Movimentos Sociais. Feminismo. Teatro.

Introdução

Apresentando as inquietações da pesquisa.

O que é ser mulher no século XXI? Que relação há entre a mulher do século passado e a dos dias atuais? Como a sociedade tem aceitado a evolução e autonomia da mulher? Essas e outras indagações poderiam ser feitas com relação a atual posição desta que, desde a pré-história à idade moderna, é agredida física e psicologicamente, ainda assim levaríamos muito tempo para respondermos essas indagações, visto que, a história da

mulher é contínua e passa por diversas modificações a cada ano. Sem pretendermos encerrar as discussões sobre um tema tão complexo e amplo, mas também tentando dar nossa contribuição para entendê-lo buscamos, mesmo que brevemente, responder a uma dessas inquietações. Será que, realmente, houve uma emancipação feminina na contemporaneidade?

Diante dos fatos históricos, sabemos que hoje a mulher é um ícone de resistência, coragem e revolução. Portanto, propusemo-nos a tentar resgatar esses sentimentos elencados anteriormente, já que, em pleno século XXI, ela ainda é vítima de preconceitos, abusos e até mesmo violência dentro do seio familiar e na sociedade. Com o olhar voltado para os avanços e as conquistas retratadas por grandes feministas como, Sueli Carneiro (1985), Alzira Rufino (1988), Betânia Ávila (2007), Joan Scott (2005) entre outras, é que nos despertou o interesse em buscar um caminho de resposta a, ao menos uma, entre tantas inquietações nossas diante do tema, e que, para nós, soa-nos relevante.

Nossas ideias começaram a criar formas, graças a uma apresentação teatral, vista por nós, que abordava sobre a luta da mulher pelo direito de decidir e tomar decisões a respeito do seu próprio corpo. Sob um olhar crítico, surgiu a ideia de retratarmos a representação feminina desde o século passado até a contemporaneidade. Ainda sobre a peça teatral, vale ressaltar que, nela, o público era estimulado a interagir com as personagens conforme a “teoria do Teatro do Oprimido” (Boal 1976), no qual o expectador torna-se um participante ativo, expondo seu ponto de vista e dando sua contribuição crítica ao tema apresentado.

O grupo teatral é formado por mulheres que fazem parte de uma ONG (Organização Não Governamental) intitulada “Loucas de Pedra Lilás” especializada em promover, por meio do teatro, e com humor, as posturas cidadãs, quer sejam nas relações entre homens e mulheres, quer sejam nas questões emergentes e atuais como educação sexual e reprodutiva ou ainda prevenção e combate à violência, entre outras. O trabalho executado pela ONG supracitada é de suma relevância para esta pesquisa, visto que, aborda temas que mobilizam, educam e conscientizam toda a sociedade através do teatro e sua interação com os problemas sociais.

Para que possamos contribuir na construção de uma sociedade consciente no que se refere ao potencial da mulher, elaboramos alguns questionamentos a serem respondidos em entrevistas nesta Instituição. Perguntas como: de que forma esta ONG tem contribuído para

que as mulheres reflitam sobre o direito de decidirem sobre seu próprio corpo? As atividades executadas por esta Instituição permitem que, o chamado “sexo frágil”, tenha lutado a favor de seus direitos em busca de uma equidade social? Será que as mulheres abandonaram seus objetivos? Como? Por quê? De posse dos dados e das respostas coletadas, pudemos constatar que, apesar da mulher ainda ser refém de uma sociedade tida como sexista houve um grande avanço na luta pelos direitos reconhecidos.

Além das entrevistas, foram feitas análises de vídeos com apresentações em curta metragem, nas quais as “Loucas” atuam representando diversos personagens do convívio social com temas relacionados à cidadania considerados polêmicos, como por exemplo, o aborto; críticas ao SUS (Sistema Único de Saúde - órgão que cuida da saúde pública subsidiada pelo estado); preconceito contra afrodescendentes e homossexuais entre outros temas ligados a saúde, bem estar e liberdade da mulher. Diante do exposto, perguntamos: até que ponto as atividades das “Loucas de Pedra Lilás” levam o sexo feminino a pensar sobre este tema? Coletamos, também, uma entrevista realizada com duas das componentes da ONG. Captamos seus pontos de vista e contribuições para a causa da emancipação da mulher.

Movimentos Sociais e Feminismo: Interfaces com a Educação Não Formal

Foi a partir da necessidade de conscientizar as mulheres de seus direitos de serem respeitadas como cidadãs, reconhecidas como um ser humano capaz de tomar suas próprias decisões e livre para ir e vir validando sua liberdade conforme a Constituição Brasileira (1988) artigo quinto, que surgem os movimentos feministas existentes até a presente data. Segundo Margareth Rago,

ser mulher, até aproximadamente o final dos anos 60, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas, que exigissem pouco esforço físico e mental. (RAGO, 2004 p.31).

Com base na História, a mulher era vista como um ser inerte e sofria constantes exclusões e humilhações ostensivas, mas também de profundos deslocamentos, conquistas e inovações. Diante desse contexto, surge a necessidade de um olhar mais aguçado com relação à emancipação da mulher na contemporaneidade e sobre as mudanças advindas das reivindicações e lutas da militância feminista. Portanto, a sociedade precisa ter consciência e preparar-se político e socialmente para abraçar a causa da liberdade feminina. Para que isso de fato aconteça as pessoas precisam de uma formação social, também fora dos muros

escolares. Em outras palavras, é preciso que haja uma educação não formal, já inclusive previsto na LDB (Lei de Diretrizes e Bases 9394/96) em seu artigo primeiro. A referida Lei abriu caminho institucional aos processos formativos em espaços não escolares que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nos movimentos sociais e organização da sociedade civil.

Portanto, diante de uma perspectiva pedagógica, Gonh (2006) define e diferencia ensino formal, não formal e informal. Ao fazermos uma releitura das ideias da referida autora, apontamos as distinções dessas concepções. A educação formal segue um currículo escolar, e em geral é executado em um ambiente estruturado seguido de regras e com normas estabelecidas. Nela o indivíduo desenvolve habilidades e competências como criatividade, percepção, motricidade etc. Requer tempo, local específico, educadores especializados e um acompanhamento minucioso (ao menos deveria) do corpo discente. Paradoxo à educação formal, a não formal - ênfase deste trabalho - não necessita de um modelo pronto e acabado, não segue a risca uma organização. O conhecimento é transmitido a partir das práticas e experiências anteriores, usualmente o passado orienta o presente. Busca solidariedade e identificação de interesses comuns, parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo. Tem seus espaços educativos demarcados por referência de nacionalidade, localidade, faixa etária, sexo, religião, etnias entre outras. Os seus resultados não são esperados, eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, orientando suas formas de pensar e agir espontaneamente. A educação informal baseia-se no “processo de escolarização, na leitura do mundo a partir das experiências adquiridas em um determinado meio social como igrejas, clubes, associações, etc”. (GONH 2006).

Há uma necessidade de conscientização que resulta na sociedade de sua participação social e política que engendram quando são submetidas a um processo de reflexão. É esta forma que se realiza na perspectiva de que, “a conscientização não pode existir fora da práxis” (Freire 1979 p. 15), ou seja, sem o ato ação-reflexão. Por isso, esses processos formativos em espaços não escolares tornam-se relevantes para sociedade no sentido de induzir a homem a transformar o mundo.

É necessária a inserção em um grupo ou movimento social para que se possa ter uma autonomia crítica, uma opinião com embasamento científico, pois, os movimentos sociais são formas de organização dos oprimidos que contribuem para a transformação da

sociedade. Sua origem retrata os problemas concretos vividos pelo povo em condições de vida e trabalho, discriminação de gênero, raça, classe social, orientação sexual, credo religioso, formas de participação política entre outros, mas seu início se dá pela intervenção de um “agente de mediação social”, em outras palavras, o “intelectual orgânico” Gramsci (1982). Esse intelectual, dentro do movimento social, atua como educador popular, organizador, representante social além de construir uma nova cultura contribui para uma melhor visão de mundo dentro do grupo. É formado por militância e não de forma espontânea. Em suma, os movimentos sociais surgem da necessidade de um coletivo de cidadãos, como por exemplo, insatisfeitos com algum descaso do poder público. Surge então a partir deste fator a cooperação entre as pessoas, ou melhor, unem-se em prol de benefícios pela qualidade de vida. No Brasil, os movimentos rurais podem ser considerados pioneiros neste segmento, lutando por reforma agrária mais justa. O MST (Movimento dos Sem Terra), grande organização social, até hoje apoia esta causa. Documentos do Pró-central de Movimentos Populares¹ afirmam que, os movimentos sociais populares brasileiros, originaram-se a partir das primeiras manifestações realizadas desde o século XVI. “Índios, negros escravos, camponeses, artesãos e intelectuais, lutaram contra a escravidão, que perdurou no Brasil durante 320 anos. Contra o domínio português que se alongou de 1500 a 1822 pelo acesso a terra e a moradia” (CMP, 1993). Alguns movimentos sociais, elencados por Gonh (2001), norteiam a compreensão histórica destes movimentos que a fazem parte da história do Brasil, como por exemplo, A Guerra dos Farrapos (1835-45/Rio Grande do Sul) e Canudos (1847-87/Bahia).

Outros movimentos aparecem no mundo todo como dos trabalhadores, estudantes e em destaque o feminista um dos mais fortes movimentos criados até os dias de hoje. O Movimento Feminista possui grandes representantes, que por sua vez, são inspiradoras das "Loucas de Pedra Lilás" (ONG - campo de nossa pesquisa) como Alzira Rufino (1988) - escritora e autora de vários livros, e que se autointitula "batalhadora incansável pelos direitos da mulher, sobretudo da negra". Desenvolve um trabalho político de combate ao racismo e fundou em 1986 o "Coletivo de Mulheres da Baixada Santista", é uma grande representante da comunidade negra. Sueli Carneiro (1985) feminista negra, filósofa é doutora em Educação e fundadora e diretora do Geledés - Instituto da Mulher Negra e conselheira do Notório Saber do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Ela afirma que "a sociedade precisa

¹ A Pró-Central de Movimentos Populares foi uma articulação de diversos movimentos sociais populares de todo o Brasil que culminou, em 1993, com a criação da Central de Movimentos Populares.

reconstruir o imaginário social da mulher negra". Betânia Ávila (2007), pesquisadora e coordenadora do SOS Corpo - órgão criado em defesa dos interesses femininos situado em Recife - luta pela garantia dos direitos das mulheres na esfera da sexualidade e da liberdade. Seu objetivo principal é a "radicalização do feminismo", ou seja, no que diz respeito a sua própria forma de organização e a sua ação no mundo. Joan Scott (2005), professora da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Altos Estudos de Princeton- Nova Jersey é Especialista na História do Movimento Operário no século XIX e do feminismo na França. Considerada uma importante teórica sobre o uso de um tema atual de estudos, o gênero. Para ela o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças entre os sexos. Um conceito que busca compreender as relações complexas nas interações humanas considerando o sexo, a classe e a raça em sua definição, portanto, um tema considerado relevante para o estudo dos interesses femininos. Dessa forma essas e outras renomadas feministas, continuam reivindicando os seus direitos perante a sociedade vigente em busca de equidade para todos os cidadãos e cidadãs.

É nesse contexto atual que explicitamos o papel dos movimentos sociais populares na perspectiva de realizar um trabalho de conscientização política na leitura crítica do mundo a medida que faz um paralelo com os processos de mudanças e avanços. Desta forma, é capaz de proporcionar uma transformação radical na sociedade decorrente a sua capacidade de formar um cidadão por meio de competências, entre outras que resultam em um reconhecimento de um verdadeiro cidadão que luta pela equidade social.

Os movimentos sociais tornam-se relevantes para a educação não formal no sentido de propiciarem ações que esclareçam os direitos sociais dos cidadãos. Diante desse contexto, explanaremos a seguir a análises e os resultados da pesquisa realizada neste espaço não escolar.

Análise e Resultados

O grupo de teatro, "Loucas de Pedra Lilás" surgiu em 1989, a partir do desejo e da necessidade de inquietarem militantes feministas e em criar imagens fortes (por meio do teatro), simples e bem humoradas que ilustrassem as questões relacionadas as mulheres como violência física e psicológica. As demandas do movimento a serem enfrentadas com relação a vida pessoal, econômica, intelectual e social da mulher tem como objetivo atingir os mais variados públicos como adultos, jovens e adolescentes de todas as idades e classe social. Em 1996 foi oficializado enquanto ONG (Organização Não Governamental) na qual

conseguiu uma sede própria “O Galpão das Loucas”, veículo, equipamentos e recursos para apresentações, porém, este ano (2012) estão sem sede fixa devido a falta de um patrocinador. Nestes 12 anos de estrada foram contempladas pelas organizações UNIFEM (O Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher) criado em 1976 como resposta às demandas das organizações de mulheres presentes na Primeira Conferência Mundial das Nações Unidas sobre a Mulher e pelo Sistema de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco.

As “Loucas” possuem um núcleo central de participantes, formado sob uma coordenação geral (artista gráfica); uma educadora; Coordenação pedagógica (arte educadora) e gerência administrativa de uma técnica de departamento de pessoal. O grupo conta com mais quatro atrizes e mais sete jovens atrizes iniciantes as chamadas “Louquinhas”, mas, quando necessário o grupo convida mulheres e meninas para a participação das atividades.

Uma das características principais das “Loucas de Pedra Lilás” é vista no momento das apresentações teatrais, pois, estão sempre com os rostos pintados de branco, vestidas com roupas pretas e usando acessórios exagerados e isso nos chamou a atenção e nos despertou a curiosidade de saber a razão pela qual elas atuam dessa forma. Para responder a este questionamento a Coordenadora Pedagógica do grupo fez o seguinte comentário:

Bem, a questão do preto é que o preto é uma cor neutra. Mistura do preto com o branco a gente não criou a gente se inspirou em outras criações, como preto é uma cor neutra e a gente é minimalista com o figurino, então tudo que coloca em cima tem destaque, e a cara branca ela faz com o que, primeiro chama a atenção por onde a gente chega; quando a gente chega às ruas as pessoas já sabem que vai ter alguma coisa diferente. É, Outra coisa também, é que nós juntamos muitas mulheres que não são atrizes, que vão aprendendo a atuar, então a máscara facilita você entrar num palco, até porque tem gente que não vai reconhecer quando você houver tirado, é uma proteção contra afirmações, você se protege, você está aqui e eu me vejo fazendo isso e eu me revelo através do que eu digo e eu afirmo que quero direito, que eu preciso, eu exijo. A sociedade precisa que as mulheres tenham direito e sejam respeitadas. Mulher também é humana. [Entrevista]

Atualmente o grupo participou da 7ª Amostra Latina Americana de Teatro em São Paulo no período de 22 de abril a 03 de maio de 2012².

² Em breve viajarão para o Rio de Janeiro entre dos dias 14 e 29 de junho de 2012. Apresentaram-se no Equador, Chile, Venezuela, Alemanha, Espanha, França e receberam um prêmio em Nova York pelo reconhecimento do seu trabalho como os Três Melhores Teatros de Rua.

As componentes do grupo visam contribuir para garantir e ampliar os direitos humanos, em especial o das mulheres para a construção de uma sociedade mais plural, justa, igualitária, participativa e solidária. É notória a ênfase dada ao socialismo, visto que, o grupo é contra as patentes, ou seja, lutam pela socialização do que foi criado na sociedade em favor de todos independente da classe social, como, por exemplo, lutam pela publicação da possível cura do HIV-AIDS. A quebra de preconceitos também faz parte dos objetivos desta ONG como a luta contra homofobia e a intolerância aos cidadãos afrodescendentes. Vimos que a luta incessante dessas mulheres contagiam, com seu humor, transmitindo às pessoas suas mensagens, pois, fazem com que as mulheres se conscientizem, reflitam e se posicionem diante das circunstâncias que as inferiorizam perante os homens e ao meio social a que pertencem. O movimento em questão é forte no sentido de uma prática reflexiva de atitudes e ações.

Para uma melhor abordagem dos resultados dessa pesquisa foram feitas entrevistas com duas das componentes, uma atriz e uma coordenadora pedagógica. Foi a partir da internet, que mantivemos os primeiros contatos com a coordenação desta ONG. Pudemos contemplar inicialmente seu trabalho pelo site, logo após marcamos um encontro com cada uma delas. A primeira atriz entrevistada atua no grupo há dezesseis anos. A entrevista se deu a partir de um breve diálogo (essa primeira entrevista, por motivos particulares, não foi possível ser filmada ou gravada em áudio) em sua própria residência. Ela afirma que ao iniciar suas atividades na ONG, inicialmente, passou por algumas dificuldades devido a sua timidez, no entanto, ao entrar para o grupo seus horizontes foram ampliados segundo seu depoimento:

Em minha opinião as mulheres ao entrarem em contato com a oficina se tornam mais independentes, autônomas, seguras de si, e lutam por seus direitos na sociedade. Um exemplo disso foi uma mulher que nunca soltava os cabelos por achar feio, depois que passou a assistir o teatro "As Loucas Pedras de Lilás" se sentiu ponderada e com autoestima elevada para assumir o seu cabelo afro. Outro exemplo foi uma mulher que quando assistiu ao espetáculo sob o tema "AIDS" que tinha como bordão os seguintes dizeres: meu nome é grande, mas, "AIDS" só tem quatro letras. Aquela mulher se conscientizou de usar camisinha nas relações sexuais. [Entrevista].

A segunda entrevista (gravada em áudio) foi realizada com a coordenadora pedagógica da ONG, atriz e educadora. Algumas características nos chamaram atenção. A entrevistada se considera negra e aponta em sua trajetória a luta contra o racismo em favor das mulheres negras. Costuma usar em seus escritos e em sua fala a seguinte frase "*vai*

enegrecer o Brasil", cuja inspiração vem de uma grande feminista citada durante a entrevista. Com um turbante na cabeça e com trajes africanos, nos recebeu em sua casa, pois, atualmente estão sem sede para se reunirem e ensaiarem as peças teatrais, de forma que, todo e qualquer trabalho é feito na casa de uma das componentes. Inicialmente perguntamos o que havia mudado em sua vida após de tornar uma "Louca".

“Louca” eu sempre fui (risos). Depois de me tornar uma “louca de ONG”, sempre fui, sempre tive umas loucuras, umas indignações. Já fazia teatro, já fazia alguns questionamentos, mas era uma luta muito solitária. Quando entro nas “Loucas” eu encontro outras mulheres parecidas porque nós, as “Loucas” fazemos parte de articulações maiores, como as mulheres que estão dentro de um fórum de Pernambuco, que por sua vez está dentro de uma articulação de mulheres brasileiras, de uma articulação de mulheres da América latina. Então as “Loucas” fizeram, me ajudaram e ajudou muitas outras mulheres a se fortalecerem a se ponderarem enquanto mulheres, enquanto mulheres negras, enquanto mulher livre, sua orientação sexual onde ela possa fazer caminhos diversos no que não seja apenas no que foi ensinado e mandado pela própria família. Então fortalecer as lutas de muitas mulheres do mundo, mulheres do Brasil, mulheres aqui do Brasil. Então amplia os horizontes. Ao chegar nas “Loucas”, os meus horizontes são ampliados e enriquecidos. A autonomia, a liberdade. Então, mudou tudo. [Entrevista]

Para complementar nosso trabalho e enfatizar a primeira apresentação das “Loucas” que vimos, foram feitas análises de vídeos, disponíveis pela coordenadora pedagógica da ONG. Neles contém cenas curtas, porém, com grandes significados. Retratam o cidadão em diversos âmbitos da vida cotidiana como, por exemplo, uma das obras analisadas chama-se *“Nossos direitos como usuárias do SUS”* que critica de forma cômica a realidade da saúde pública oferecida pelo SUS (Sistema Único de Saúde), órgão Federal brasileiro responsável pela saúde do cidadão. Outro vídeo relevante para este estudo intitulado como *“Loucas pelo direito de decidir”*, aborda o “grito silencioso” das mulheres que sofrem caladas devido às agressões físicas e psicológicas sofridas e em geral é dentro do seio familiar, sendo assim, evitam tomar uma decisão radical contra os membros de sua família. *“Loucas por pérolas”* é o nome dado a mais um trabalho desta ONG e nele encontramos os valores femininos sendo quebrados de forma clara e objetiva. Através dessa obra elas abordam temas polêmicos do uso do preservativo nas relações sexuais, que em geral, o homem oprime a mulher ao negar o uso. Com relação a quebra de patentes, as “Loucas” também dão sua contribuição a um tema inusitado, porém, pouco conhecido, mas, se depender destas mulheres determinadas em divulgar seu trabalho, em pouco tempo grande parte da população ficará ciente de que tudo que for de interesse social não poderá

ser patentado (vendido) e seguirão sempre “*Loucas pela quebra de patentes*” – nome dado ao último vídeo analisado.

As “Loucas de Pedra Lilás” lutam por uma posição de igualdade buscando a emancipação, respeito, valorização nas esferas judiciais (seus direitos), política, social, educacional entre outros. Portanto, tal atitude pode ser considerada como prática formativa uma vez que, forma o cidadão mesmo estando fora dos muros da educação formal. Essas práticas formativas perpassam o espaço público em geral, porém, o alvo principal são as mulheres que compõe ainda um cenário de discriminação perante uma sociedade considerada machista. Consideramos atividades informais, pois, constroem identidades individuais e coletivas capazes de mudar um sistema patriarcal herdado da nossa história antiga, mas, que na atualidade tem trazido muitas conquistas, bem como: direito ao voto e a Lei Maria da Penha que visa proteção à mulher.

Art. 1º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. [LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006].

As atividades teatrais da ONG, de uma forma bem humorada, transmitem orientações, discursos filosóficos que despertam nas mulheres a vontade de ter conhecimento dos seus direitos. Exemplos disso são os métodos de prevenção de doenças, gravidez, o uso do preservativo masculino (camisinha) que é de responsabilidade do órgão SUS em divulgar e distribuir para população, assunto abordado anteriormente, e de oferecer uma saúde pública e de qualidade. Violência doméstica, psicológica e física contra a mulher; respeito às crenças (religião), as raças, entre outros, são assuntos que devem ser temas de debates e incorporados na vida cotidiana e perpassados de geração a geração. Neste sentido, as “Loucas” têm contribuído para as mudanças políticas, sociais e educativas na sociedade.

Um tema muito polêmico e que nos chamou a atenção é a campanha feita em favor do aborto e que as “Loucas” fazem questão de abordar em suas atividades teatrais causando um grande impacto social, cultural, religioso e ético. Apesar de existirem opiniões divergentes da sociedade, sobre esse tema, elas – “As Loucas” - são ousadas ao

expressarem suas opiniões, embora sejam criticadas, continuam em busca de seus objetivos.

Considerações finais

Emancipar-se em pleno século XXI continua sendo um grande desafio para mulher, e ainda existem grandes obstáculos a serem superados. A história marca desde o século XVIII exemplos de lutas que são lembrados até os dias atuais. Naquela época as mulheres já haviam começado uma grande batalha em favor dos seus direitos, um exemplo disso foi a tragédia ocorrida na Cidade de Nova York (EUA) no ano de 1857 quando 129 operárias de uma fábrica de tecidos foram queimadas vivas por reivindicarem melhores condições de trabalho. Estas lutas e conquistas perpassam até a contemporaneidade conforme o alto índice de mulheres que ocupam cargos elevados na sociedade, como por exemplo, a atual presidente do Brasil, Dilma Rousseff, eleita em 2010. Elencamos esses dados históricos no sentido de um possível despertar das mulheres e o desejo de continuarem à luta em prol de sua verdadeira identidade e para isso “As Loucas de Pedra Lilás”, por meio do teatro, estão dispostas a lutarem por uma posição de igualdade, buscando a emancipação, respeito e valorização da mulher nas esferas jurídicas, políticas, sociais, educacionais entre outras, ou seja, formar o cidadão mesmo fora dos muros da educação formal.

O movimento feminista tem tido uma trajetória crescente com relação aos outros movimentos, portanto, a ONG em estudo enriqueceu nosso trabalho com suas contribuições, experiências e atividades, na qual todo conteúdo proposto foi esclarecedor e informativo e de uma forma reflexiva nos fez enxergar a importância que esse grupo tem a partir de suas ideias por abordarem temas que mobilizam, educam, conscientizam, através do teatro e interação com os problemas sociais.

O referido Movimento Social Feminista, a partir de sua metodologia pedagógica não formal, direciona o cidadão expectador e as mulheres de um modo geral, para uma visão ampla e reflexiva na qual suas variadas atividades como teatro, conferências, debates etc., proporcionam uma forte conscientização nos vários aspectos formativos que o indivíduo tem por dever se apropriar nas relações sociais.

Referências

ÁVILA, Maria Betânia. Radicalização do Feminismo, Radicalização da Democracia. **Cadernos de Crítica Feminista**. In.: SOS Corpo. Recife, 2007.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal.

_____. Presidência da República. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha**: coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, 2006.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394-96. Brasília: 1996.

CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Tereza. **Mulher negra**. São Paulo, Conselho Estadual da Condição Feminina/Nobel, 1985.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GOHN, M. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: avaliação de políticas públicas educacionais. Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan - mar 2006.

_____. **História dos Movimentos e Lutas Sociais: A Construção da Cidadania dos Brasileiros**. 2. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 244 p., 1982.

LOUCAS DE PEDRA LILÁS. **Loucas de Pedra Lilás**. Disponível em: <http://www.loucas.org.br/quemsao.htm>. Acesso em 25/04/2012.

Loucas por pérolas; Loucas pela quebra de patentes; Loucas pelo direito de decidir; Nossos direitos como usuárias do SUS. Direção: Aline Lucena. Produção: Loucas de Pedra Lilás, Rede Feminina de Saúde, Fórum de Mulheres, Ana Bosch e Aline Lucena. Roteiro: Gigi Blander. Atrizes: Ana Bosch, Carmem Clemente, Cristina Nascimento, Gigi Blander, Lica Márcia Albino, Camila Leão, Nadege Nascimento, Priscila Matias. Recife – PE. 2008, 2009. DVDs, VHS, Color.

PRÓ-CENTRAL DE MOVIMENTOS POPULARES. **Texto Base em Preparação ao 1º Congresso dos Movimentos Populares**. São Paulo, 1993.

RAGO, Margareth. **Ser mulher no século XXI**: ou carta de alforria. In: VENTURINI, Gustavo. Et. al. A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 30-42.

RUFINO, Alzira. **Eu, mulher negra, resisto**. Santos: Edição da Autora, 1988.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 13 (1): 216, janeiro-abril/